

Nuno Magalhães: “CDS tem uma direcção de ajuste de contas” PP. 12-13

NOVO

Semanário

www.onovo.pt

Sexta-feira 6.8.2021
N.º 07 / Preço: 40

Director: Octávio Louçada Oliveira
Director-executivo: Diogo Aguiarinho
Director de Arte: Pedro Fernandes

ECONOMIA

P. 34

SEGURANÇA PP. 20-21

Agricultura em contraciclo: exportações crescem durante a pandemia

Eslováquia é o mercado preferido dos portugueses para compra de armas ilegais

CHEIRA BEM, CHEIRA A PROPAGANDA

Governo fez gala de ter recusado promover a presidência portuguesa da União Europeia num jornal internacional, mas o socialista Fernando Medina pagou milhares de euros ao Financial Times por conteúdos patrocinados sobre Lisboa p. 11



Chegou o NOVO Magazine: lifestyle, cultura e família

Num gabinete da FCSH está guardada uma boa parte do espólio que tem sido digitalizado pelo RIC, que integra os primeiros números da revista A Águia



Ricardo Ramos Gonçalves TEXTO

ricardo.ramos.goncalves@novolapareira.pt

Diana Tinoco FOTOGRAFIA

diana.tinoco@novolapareira.pt

REPORTAGEM

Um portal para as revistas que fizeram a cultura portuguesa

Números um de A Águia, revista quinzenal, editado a 1 de Dezembro de 1910. Numa das primeiras páginas lemos: "Uma elite, antes de vencer, tem de fazer as suas provas. Como? Precisamente, lactando, não evitando o conflito, acedendo-o." Não a seguramos nas mãos. Consultamo-las a partir da redação, no ecrã do computador. Esta que é uma das revistas mais relevantes do século XX português, órgão do movimento denominado Renascença Portuguesa, é uma das 27 que estão disponíveis no portal Revistas de Ideias e Cultura (RIC, www.ric.sibip.pt), um arquivo digital de acesso livre das revistas portuguesas do século passado.

Revistas modernistas, anarquistas, feministas, presencistas, neo-realistas, entre outras que não se identificam com um movimento estético ou político concreto, fazem parte do conjunto. Dão forma a um

Há seis anos que o portal Revistas de Ideias e Cultura digitaliza e divulga em acesso aberto as mais influentes revistas impressas do século XX português. Aos 27 títulos já disponíveis juntam-se, até ao final do ano, outros seis. O NOVO foi conhecer os bastidores deste arquivo

que compila milhares de dados cruzados através de índices que permitem pesquisar artigos por autor ou por temas ao todo são mais de 35 mil artigos, cerca de 125 mil imagens, catalogados entre já perto de 10 mil temas. E nada disto se fecha na esfera académica.

Coordenado por Luis Andrade, professor da Universidade Nova de Lisboa, o portal surgiu por iniciativa do Seminário Livre de História das Ideias, criado no início da década de 1990 por um conjunto de jovens investigadores que haviam concluído o mestrado em História Cultural e Política. "O nosso principal objetivo é preservar a memória da cultura portuguesa de forma que esta seja acessível, não tanto pela sua vertente histórica mas, acima de tudo, pela sua vertente cultural."

O critério para a escolha de revistas é abrangente. No RIC não se encontram apenas revistas literárias. No seu conjunto, trata-se de publicações nas quais se discutiam ideias e novas tendências. "As revistas, no século XX, foram os grandes agentes de transformação cultural. Se os jornais fizeram a política, as revistas fizeram a cul-

tura." A partir de algumas destas publicações é possível observar tendências estéticas e políticas que contam a história do país, sobretudo desde a I República, momento que, realça o docente, inicia "um novo ciclo cultural e que prepara o modernismo".

História em dados

Ainda que feito a poucas mãos, o RIC constrói-se num diálogo transversal com várias instituições. É a partir deste processo que muitas vezes é possível chegar a coleções completas de revistas. Mas, a sua espinha dorsal controla-se entre a Avenida de Berna e Entrecampos, em Lisboa. Da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa até ao gabinete na Biblioteca Nacional, em Lisboa, Luis Andrade dá os passos necessários para manter em crescimento este portal que continua a digitalizar revistas. Até ao final deste ano, mais sets irão juntar-se ao catálogo, entre elas "A Renascença" (1914) e "Raiz & Utopia" (1977-81).

Juntamente com uma pequena equipa de colaboradores - que inclui um editor executivo, um

documentalista, um informático, um analista de dados estatísticos, uma webdesigner e o auxílio de vários investigadores externos - prossegue um trabalho em diversas frentes, essencialmente de investigação. À escolha dos títulos, à sua disposição por segmentos programáticos, o registo analítico, segundo critérios historiográficos, do teor de todas as peças contidas em cada uma das revistas, sejam elas textuais ou gráficas, implicam um trabalho de leitura e de pesquisa exigente, simultaneamente científico e técnico.

"Há dois aspectos que se cruzam na nossa linha de decisão por um lado, há títulos que obviamente são centrais na cultura portuguesa e que têm de lá estar; por outro, essa escolha é naturalmente articulada com os nossos interesses e com os interesses de outras equipas de investigação." O RIC assume, desta forma, um papel agregador para estudiosos, mas também para o público em geral - e é esse o objectivo final deste portal. Na sua página compilam-se, além das revistas, dados quantitativos sobre cada publicação e informações paralelas que ajudam a contextualizar cada uma no tempo e no espaço que ocuparam na sociedade portuguesa.

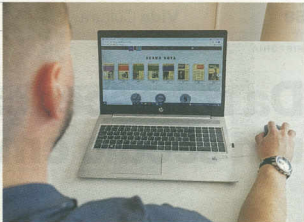
Mais do que um mero arquivo digital, o RIC é uma base de dados dotada de sofisticadas ferramentas de pesquisa e que permite ao leitor ou investigador não apenas aceder ao conteúdo integral das diferentes publicações, mas também consultá-lo a partir de uma série de critérios cruzados. Por exemplo, no caso da revista A Águia, publicação que duraria até 1932 e que percorre a 1.ª República portuguesa, e tema da Primeira Guerra Mundial é o mais citado, com 97 referências. Já no suplemento literário d'A Batalha, revista que, publicada entre 1923 e 1927, representa um ponto alto na fileira de publicações político-culturais anarquistas, o nome singular mais citado é Jesus Cristo, seguido do advogado e escritor Adolfo Lima e de um recente fenómeno, à época, da política europeia Benito Mussolini.

Os caixotes do Sudexpress

Para a história do século XX português ficam, decisivamente, algumas revistas que, tanto pela sua duração como pela importância dos seus escritos, mantêm uma notável relevância. A Seara Nova, que este ano completa 100 anos, ou o Tempo e o Modo são dois desses casos. Mas do arquivo público RIC constam também os dois números da revista Orpheu, onde foram publicados alguns dos mais

importantes poemas de Fernando Pessoa, ou os números da Sphinx, criada pelos jovens e, na época, ainda pouco conhecidos José Leão de Barros e Cottinelli Telmo. "O século XX foi um século de correntes doutrinárias, de gostos e estéticas, das quais procuramos agrupar os principais títulos." Pela diferença face aos jornais no tratamento de temas, por escaparem à espuma dos dias e pelo facto de associarem fotografia e ilustração, estas publicações assumiram importante papel no desenvolvimento do meio intelectual. "Foram o principal instrumento para a criação de uma espécie de comunidade cultural portuguesa cosmopolita

Em qualquer computador ou dispositivo móvel é possível aceder ao portal onde estão digitalizadas 41 revistas e compilados mais de 35 mil artigos



e trouxeram o essencial da Europa e do mundo aos portugueses", salienta Luis Andrade.

A influência francófona é também um aspecto digno de relevo para o docente de Filosofia, que aproveita para parafusar Eça: "Até depois do 25 de Abril, uma boa parte da cultura europeia chega até Coimbra em caixotes do Sudexpress." Ao seguirmos os padrões gráficos e programáticos de outras publicações, em especial as francesas, estas revistas consolidavam um certo estatuto, quer para os seus autores, quer para os leitores. "Assinar uma revista destas era algo que conferia estatuto."

De Portugal para o Brasil

Para Luis Andrade, o "objectivo comum a muitas destas revistas era acortar Portugal". E explica: "Além de serem uma escola de

escrita e de reinventar a nata intelectual portuguesa, reside nestas publicações uma ideia de emancipação dos indivíduos e da sociedade." O trabalho que o RIC tem vindo a desenvolver dá-nos a possibilidade de ter em casa uma biblioteca enorme e uma parte fundamental da cultura portuguesa, enquanto instrumentos que nos ajudam a pensar o mundo.

Mas o trabalho não está terminado. Ainda este ano serão disponibilizadas mais seis revistas: Alma Nacional (1910), Lâmina (1910-12), A Renascença (1910), Terra Nossa (1916), KWAY (1918-63) e Raiz & Utopia (1977-81). E o futuro do portal passa agora também pelo Brasil. A ser lançado em 2022, por ocasião do centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo (1922), será criado entre a Nova e a Universidade de São Paulo um novo portal, para-

lelo ao RIC, que logo num momento inicial disponibilizará sete revistas do arquivo da Biblioteca Brasileira Guiza e José Mindlin: Klaxon (1922), Estética (1924), Verde (1927), A Revista (1925), Antropologia (1928), Terra Roxa e Outras Terras (1926) e Revista Nova (1931).

Entre Portugal e o Brasil, o caminho trilhado por este portal não tem fim à vista. Do seu gabinete, rodeado de revistas - essas em formato físico -, Luis Andrade sublinha que estas publicações mantêm um carácter importante na formação de ideias na actualidade e a sua leitura não pede um tempo ou uma época precisos. "Mê por um motivo estritamente político, as formas anti-literárias de discurso político só podem vingar onde não haja cultura. Por isso mesmo, estas revistas são o maior antídoto que exis-

Luis Andrade é o coordenador do portal, que começou a disponibilizar publicações portuguesas em 2015

HISTÓRIA

Da renascença à revolução: um século em revista



A SEMENTEIRA
1908-1919 53 números

■ Foi a principal revista anarquista publicada em Portugal durante a I República. Fundada pelo operário anarquista Hilário Marques, teve entre os seus colaboradores Nuno Vasco, escritor português que trabalhou pela primeira vez, a partir do francês, "A Internacional". Nascida lisboeta, a revista foi publicada em duas séries, a primeira de 1908 a 1913 e a segunda de 1916 a 1919. Nas suas páginas divulgava-se a doutrina anarquista e a sua propaganda. No campo da luta revolucionária e social, acompanhou o 5 de Outubro de 1910, a Revolução Bolchevique, em 1917, e tornou uma posição antagónica no âmbito da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

A MULHER PORTUGUESA
1912-1913 5 números

■ Órgão da Associação de Propaganda Feminista, A Mulher Portuguesa tinha por objectivo divulgar os princípios e a prática do feminismo em Portugal. Dirigida por Ana de Castro Osório, a revista assumiu a sua filiação republicana, ainda que o feminismo defendido estivesse ainda longe de substituir a "lendária superioridade masculina" pela exaltação do ser feminino. Lutou ainda assim até ao último número pelo direito de voto das mulheres, que entendeu ser expressão dos seus direitos políticos, reivindicação que contou com o apoio de vários homens, entre eles Bernardino Machado, eleito terceiro e oitavo Presidente da I República Portuguesa.



CONTEM

CONTEMPORÂNEA
1915-1926 10 números

■ Obra do arquiteto José Pacheco, a Contemporânea pretendia ser "contemporânea de si mesma". Além do paralelo óbvio que se pode estabelecer com a Orpheu — até porque uma boa parte da responsabilidade gráfica esteve nas mãos de Almada Negreiros —, destacou-se ainda pela chamada polémica dos "novos". Em jogo estava a renovação do corpo dirigente da Sociedade Nacional de Belas-Artes, que era acusada de se mostrar obsoleto e desajustado da realidade coetânea. Desde o número inicial, a revista partilhou simpatia pelas línguas e culturas hispânicas e mostrou-se aberta à colaboração desses mesmos autores, como o modernista Ramón Gómez de la Serna.



A ÁGUA
1910-1932 205 números

■ Tal como se lê nas capas da sua 2.ª série, a revista apresentou-se como órgão do movimento estético e político denominado Renascença Portuguesa. Teve vários directores, mas a maior parte dos números foi publicada sob a orientação do poeta e escritor português Teixeira de Pascoas, considerado o seu vulto máximo e teorizador do saudosismo metafísico que inspirou boa parte da produção literária nela publicada. Tinha a particularidade de apenas aceitar para publicação material inédito em Portugal e teve como colaboradores alguns dos maiores intelectuais do país, entre eles Jaime Cortesão, Raul Brandão e Raul Proença, que estavam na origem da Seara Nova, em 1921.

ORPHEU
1915 12 números

■ Com apenas dois números, a Orpheu é a publicação responsável pela introdução do movimento modernista em Portugal, associando ao projecto importantes nomes das letras e das artes, como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros ou Santa-Rita Pintor, que ficaram conhecidos como a geração d'Orpheu. Inicialmente planeada como publicação trimestral, a revista teve uma vida bastante curta, não chegando a sair o terceiro número, por razões financeiras. Apartadária em termos políticos, é apresentada por Pessoa como plataforma de um nacionalismo cosmopolita, por contraponto ao "provincianismo radical" da literatura ibérica.



ATLÂNTIDA
1919-1920 48 números

■ "Um escritor português, João de Barros, e um escritor brasileiro, Paulo Barreto, depois de terem inventado muitas páginas de encantadora literatura, tiveram um achado geográfico: encontraram essa misteriosa Atlântida"; foi desta forma que o poeta brasileiro Olavo Bilac aludiu à fundação do projecto editorial que se propunha restabelecer a ligação entre os dois países, separados pelo oceano. E nas suas páginas que surgem as primeiras referências a uma comunidade luso-brasileira, como proposta de aliança económica e política, a 17 de Julho de 1996 contempla no estabelecimento da Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

Nos mais de 35 mil artigos publicados pelas revistas até agora digitalizadas pelo portal Revistas de Ideias e Cultura preservam-se diferentes correntes estéticas e de pensamento que formaram as narrativas históricas e culturais do século XX português. Nas páginas destas revistas publicaram-se poemas de Pessoa e dos seus heterónimos, textos fundamentais de Pascoaes e Cortesão, manifestos de Almada, obras gráficas de reconhecidos artistas portugueses, cunharam-se novos conceitos, criaram-se polémicas que fizeram correr tinta - dentro e fora de Portugal. Atravessaram a censura de dois regimes, mas nas suas páginas discutiram-se, ainda assim, o direito ao sufrágio para as mulheres portuguesas, o colonialismo e, mais tarde, o futuro do país no pós-revolução. O NOVO percorreu este arquivo digital e conta-lhe algumas das histórias de 12 dessas revistas. **Ricardo Ramos Gonçalves** ricardoramos@revistasdeideias.pt



SPHINX
1917-2 2 números

■ Uma "revista de novos", como se sub-intitulava, a Sphinx destacou-se na sua vertente artística sob a responsabilidade de Leitão de Barros e Cottinelli Telmo, quando tinham pouco mais de 20 anos. No desejo orgulhoso de fazer diferente, escreveram no primeiro número: "A nossa revista é, pois, mais uma das muitas tentativas para a Emancipação do Espírito que a Civilização e as Escolas transformaram, por forma a fazer do homem de hoje - uma 'criatura anti-humana, sem beleza, sem força, sem liberdade'". Foi uma das primeiras revistas atentas ao que se passava no panorama artístico internacional e, através da coluna "Novíssimos", a ditar os nomes a reter da nova geração.



SEARA NOVA
1921-1954 1054 números

■ "O monumento que os homens do pensamento, das ciências e das letras portuguesas do século XX coligiram e entreteciam à liberdade, à democracia, ao racionalismo moderno e contemporâneo, à cultura viva e interveniente": as palavras de Luis Andrade, coordenador do FIC, descrevem a Seara Nova. Jaime Cortesão, Raul Proença, António Sérgio, Raul Brandão e Aguiar Ribeiro iniciaram o projecto que melhor reflectiu o trajecto da história intelectual portuguesa do século XX, da qual seria também a sua espinha dorsal. Daí que as suas 31 500 páginas de revista continuem a ser um arquivo essencial para se perceber os diferentes rumos que o país tomou até aos dias de hoje.

ATHENA
1924-1925 5 números

■ Em menos de um ano cumpriu-se a curta parábola da Athena - Revista de Arte, mas esse ano foi o bastante para eternizar no panorama modernista português um projecto que traria a lume, pela primeira vez, os heterónimos Alberto Casero e Ricardo Reis - só esta última assinou 22 odas nas páginas desta revista mensal. Dirigida em "cobitação" por Fernando Pessoa, responsável pela parte literária, e Ruy Vaz, director da secção dedicada às artes plásticas e à arquitectura, incluía reproduções de desenhos, quadros e gravuras de artistas de épocas passadas e contemporâneas, como Tiepolo, Lino António, Mily Possoz e Manuel Maria Bordalo Pinheiro.



RENOVAÇÃO
1925-1926 24 números

■ A Renovação é um desenvolvimento natural do projecto da publicação anarquista A Batalha. Distinguiu-se pela qualidade das colaborações - incluindo de Ferreira de Castro, José Régio e Vitorino Nemésio - e pelo grafismo dinâmico, era publicada por uma central sindical, destinada aos trabalhadores. Tinha como objectivo a renovação da sociedade portuguesa e tratava temas como a dignidade no trabalho, a condição da mulher, o colonialismo, as convenções sociais instaladas e modos vários de alienação. Como os próprios referiam, pretendia-se "desvendar novos horizontes ao pensamento", "trazer a arte à comunhão de todos" e "não fazer das ideias privilégio duns tantos".



SOL NASCENTE
1937-1940 45 números

■ O trajecto editorial da Sol Nascente representa a transição da cultura republicana e anarquista, dominante nos meios oposicionistas da década de 1930, para uma orientação política e cultural marxista. Criada e dirigida por estudantes universitários portugueses que se opunham à ordem política vigente, a publicação reuniu artigos de intelectuais consagrados - com destaque para Abel Salazar, "o bom Salazar" - e colaborações de autores jovens. Nenhuma outra fonte permite aceder, de forma tão completa e sistemática, ao pensamento da geração que se formou nos anos da Guerra Civil de Espanha e que passou a dominar a vida política e cultural oposicionista portuguesa.



O TEMPO E O MODO
1963-1964 130 números

■ Foi sendo várias revistas sob um mesmo nome. Seria essa a melhor forma de descrever o projecto editorial iniciado em 1963 por uma nova geração de católicos, numa atitude aberta ao pluralismo, sem obrigação confessional ou doutrinária. Em momentos distintos abraçaram diferentes tendências políticas, nomeadamente no pós-25 de Abril. Para a história ficam as palavras do poeta Pedro Tamen que primeiro a definiram: "A acção começa na consciência. A consciência, pela acção, insere-se no tempo. Assim, a consciência atenta e virtuosa procurará o modo de influir no tempo. Por isso, se a consciência for atenta e virtuosa, assim será o tempo e o modo."